

## Evocação de Maria Ondina Braga: notas para um centenário

Isabel Cristina Mateus  
[icmateus@elach.uminho.pt](mailto:icmateus@elach.uminho.pt)

Começo por dizer que esta evocação constitui o momento de abertura de um vasto programa de comemorações do centenário de Maria Ondina Braga que irão decorrer até 2023. Estava previsto que ela tivesse lugar poucos dias *depois* da apresentação do I Volume das *Obras Completas* da escritora, editado pela Imprensa Nacional, que vai ter lugar amanhã, em Braga, na Galeria do Paço da Universidade do Minho. À mesma hora e local, será inaugurada a exposição documental/fotográfica “*Eu Vim para Ver a Terra: Maria Ondina Braga, um olhar nómada*”, com curadoria de Duarte Belo. “Autobiografias Ficcionalis” é o primeiro de sete volumes e inclui *Estátua de Sal, Passagem do Cabo e Vidas Vencidas*. O gesto inaugural que pretendíamos descentralizador, simbólico, acabou pela mão caprichosa do acaso, por nos devolver à capital. O que não deixa de ser simbólico, tratando-se de uma homenagem da Associação Portuguesa de Escritores à escritora que Maria Ondina foi.

Neste ano de centenários, vale a pena lembrar que José Saramago e Maria Ondina Braga se encontraram e foram os dois conferencistas portugueses convidados da Universidade de Colónia, em 1986. E Agustina Bessa-Luís, parca em elogios como é sabido, foi membro do júri que em 66 atribuiu o prémio do SNI ao manuscrito de *A China Fica ao Lado*, sublinhando então estar perante um “*autor extraordinário*”, um “*prodígio de revelação, ao que me parece*” e mais tarde considerando a escritora um “*enigma literário*”. Agustina viria a tornar-se amiga de Maria Ondina com quem aprende a cozinhar arroz chao-chao, mantendo ambas uma significativa correspondência. Numa dessas cartas, naquele jeito cortante que é o seu, escreve Agustina a propósito da leitura de *A China fica ao Lado*, publicado em 68: “*A minha impressão mantém-se. É uma escritora e não uma informadora de achaques de sensibilidade como outras e outros são. Só desejaria que pudesse escrever mais.*” “Tímida, discreta, mal inserida no meio lisboeta”, é assim que a filha de Agustina, Mónica Baldaque, descreve Maria Ondina em *Sapatos de Corda* (a belíssima biografia sobre a mãe), acrescentando este breve apontamento pessoal: “*Minha Mãe estimava-a, e mantivemos uma correspondência por largo tempo*”.

Comemorar o centenário de um escritor é certamente uma oportunidade para descobrir ou reencontrar a sua obra. No caso de Maria Ondina Braga, cuja obra de há muito está esgotada no mercado, o motivo de celebração é ainda maior. Lê-la na sua multiplicidade de registos, do romance, ao conto, à crónica, à biografia ou autoficção, descobrir uma escritora que, nas palavras de Maria Teresa Horta, *“por seu único mérito, enfileira ao lado de todos os que formam as primeiras linhas da literatura portuguesa hoje”*, é a melhor forma de celebrar. E, naturalmente, de questionar estereótipos e equívocos vários que foram dificultando a recepção da sua obra: a publicação do livro de estreia *“Eu vim para ver a terra”*, em 65, pela Agência Geral do Ultramar, uma agência do antigo regime; o afastamento da escritora em relação aos meios literários nacionais; a estranheza de um olhar “estrangeiro”; o seu perfil discreto, frequentemente confundido com ascese e conservadorismo; ou a inevitável questão em torno da data de nascimento, assunto mais sério do que possa parecer e sobre o qual direi adiante algumas palavras.

## **1. Viajante do mundo**

Quem é esta mulher “tímida e discreta” cuja riquíssima experiência de vida e de cultura se furtava à exibição? Quem é, nas palavras de Hélia Correia, esta “ave escrevedora”, cujos dias “suaves e magoados, não ocupavam mais espaço do que ocupam a música ou o perfume de uma flor”? Quem é, afinal, a escritora de quem celebramos o centenário, ainda hoje desconhecida no seu país, mas reconhecida e estudada lá fora?

Com a simplicidade desarmante que lhe era natural, a escritora esboça este auto-retrato em entrevista de Cristina Arvelos, ao *Portugal Hoje*, Dezembro de 1980: *“Sou uma pessoa simples. Uma mulher que tem sempre vivido sozinha e que tem andado por muitos lados, com um certo gosto pela aventura”*. O percurso de vida de Maria Ondina é a vários títulos notável, confundindo-se com a própria ideia de viagem ou deslocação. O seu perfil multicultural é único no panorama da literatura em língua portuguesa do século XX.

Nascida na pequena cidade nortenha de Braga, cedo se fez aos caminhos do mundo no desejo de se afirmar como mulher independente e autónoma, depois da doença neurológica que a afectou durante a adolescência e a levou a interromper os estudos liceais. Foi, como ela própria afirma, a primeira mulher a sair de Braga, em 1956, para ir trabalhar como *“au pair”* em Inglaterra, ao mesmo tempo que conclui estudos de língua inglesa em Londres; vive em Worcester, passa temporadas em Inverness, na Escócia,

acompanhando a família do Dr. Chalmers. Em 1958, vai para Paris, trabalha como preceptora e segue estudos na Alliance Française, consciente de que as línguas são o passaporte que precisa para palmilhar o mundo. Em 1960, é professora de português e inglês em Luanda e, no ano seguinte, em Goa, na missão de Caranzalém. A “Libertação de Goa” pelo exército indiano, em 1961, leva-a até Macau onde leciona língua portuguesa no Colégio Santa Rosa de Lima. Em 1965, regressa a Portugal, fixa residência em Lisboa, traduz vários autores estrangeiros, escreve para jornais. Voltará algumas vezes ao Oriente, quer a Macau, quer à China, chegando a leccionar como professora do Instituto de Línguas Estrangeiras de Pequim

Nesta existência nómada confluem diferentes vivências, de emigrante à experiência do auto-exílio, de conferencista ocasional a viajante ou turista. Fotografias, blocos de apontamentos, diários de bordo, manuscritos, objectos, correspondência, são testemunho dessa vida em trânsito, dando conta da mulher que gosta de dançar, de praia e de piscina, de ficar da “cor do cacau”, de amores fugazes ou mesmo de uma paixão intensa. Percorreu os quatro continentes, viajou pela Índia, Sri Lanka, Vietname, Singapura. Viajou pelo Egipto, Somália francesa, Guiné-Bissau e, muito possivelmente, pelo norte de Moçambique. Visitou Espanha, Itália, França e Alemanha. Além de atravessar o Atlântico até ao Brasil a bordo de um cruzeiro. Gostava de ilhas. Madeira, Porto Santo, Açores, Cabo Verde. De poder “tomar conta de um farol no meio do mar”. E se não chegou à Oceânia, foi porque não estava escrito no mapa do tecto da casa grande da Avenida, em Braga, o mapa profético da sua itinerância.

A extensão deste percurso é invulgar para uma mulher que viaja sozinha, sem recursos económicos, num tempo e num país em que as mulheres estavam socialmente confinadas à geografia do lar. Desde logo, não sendo jornalista ou fotógrafa de profissão. Estranha-se, por isso, que um livro como *Mulheres Viajantes*, de Sónia Serrano, publicado em 2014 pela Tinta da China (e reeditado em 2019), um livro que evoca histórias de mulheres viajantes desde Egeria, na Idade Média, a Karen Blixen, Isabella Bird ou Annemarie Schwarzenbach inclua apenas como representante portuguesa Alexandra Lucas Coelho. O que só vem confirmar o desconhecimento que ainda hoje existe entre nós relativamente a uma viajante à escala global, no século XX, como foi Maria Ondina Braga. Talvez tenha sido esse o preço a pagar pela ausência e pela distância.

*“Donde é que vim que não guardo saudades de nenhum lugar?”*, pergunta a voz narrativa em *Estátua de Sal*, como se a condição itinerante, indissociável da condição da escrita, fosse a sua maldição. Uma predestinação, como revela em *Vidas Vencidas*, anunciada pelas circunstâncias insólitas no dia do seu nascimento. “Eu vim para ver a terra” é não apenas o título do seu livro de estreia e uma possível resposta a essa pergunta, mas a sua declaração de princípio como escritora assinada na cumplicidade da paisagem africana: *“Eu toda livre de compromissos, quer apostólicos quer políticos, e assim de qualquer miragem materialista, qualquer fim, qualquer fixação — alguém porventura melhor do que eu para afirmar por escrito, e com letras maiúsculas, como vale a pena vir à África para ver a terra?”*

Esta declaração de princípio é de algum modo retomada em *Estátua de Sal*, ao afirmar a necessidade de confrontar ou fazer co-existir, no plano da escrita, tempos e espaços diferentes:

*Palmilhei capitais europeias. Sonhei nas terras úberes de África os mais puros, os mais ardentes sonhos telúricos. Nasci numa cidade sossegada com pedras do tempo dos romanos e Nossas Senhoras de todos os nomes. E não posso esquecer Paris — a sedução, o charme de Paris, na grandeza dos Campos Elísios ou nas ruelas cosmopolitas e boémias de Saint-Michel. Tenho de lembrar o perfil dos monumentos de Londres por entre os véus de nevoeiro ou chuva gelado. Tenho também de confrontar Angola com Macau para saber que há sangue e saber que há sono. Mas, acima de tudo, quero encontrar-me comigo.*

O apelo da viagem, a curiosidade pelo desconhecido ou pelo oculto, mas também a permanente busca de si no confronto com o *outro*, com a *diferença*, são marcas de água desta escrita. O olhar é intimista, empático, atento ao detalhe mais ínfimo ou invisível, ou como observou Ana Paula Laborinho, procedendo a “perscrutações interiores”. Um olhar atento aos dramas ocultos individuais, às vozes que não têm voz, especialmente as das mulheres, aos silêncios e gestos, às histórias, às plantas, animais, paisagens e memórias. Desafiando hierarquias e poderes, preconceitos ou tabus, ideologias ou crenças: *“tenho tão grande admiração por Cristo como tenho por Buda”*, afirma desassombrada a mulher nascida na cidade provinciana e católica, essa *“Braga de igrejas, dobrar de sinos, lentidão, adormecimento”* (RP). O olhar da escritora ganha uma acutilante atualidade no mundo

global e no contexto de guerra que vivemos, convidando-nos a *ver a terra* e apelando à necessidade de co-existência para lá de toda a diferença.

*“A viagem é um grande antídoto contra os preconceitos, o atavismo, a estreiteza de mentes (...). Uma perspectiva alargada, saudável e compreensiva dos homens e das coisas não se adquire se vegetarmos toda a vida num cantinho da Terra”*, afirma Mark Twain no final de *A Viagem dos Inocentes*. A escrita de Maria Ondina Braga, viajante do mundo, não deixa de ser esse antídoto.

## 2. Escrever sobre mulheres

*A minha escrita é intimista, psicológica. É a análise da alma, das reacções das pessoas, situando-as num meio social determinado. São, a maior parte das vezes, histórias de mulheres. Isto de ter andado sozinha pelo mundo sem dinheiro, sem padrinhos, sem apoios foi muito duro, foi uma vida muito desamparada. Por isso me tenho voltado muito para os problemas das mulheres desamparadas, humilhadas, das mães-solteiras, etc. A mulher é, assim, a parte mais delicada e vulnerável desta sociedade e também da minha obra. Falo quase sempre de pessoas sofredoras, corajosas, solitárias.*

É deste modo que Maria Ondina define a sua escrita, entrevistada por José Jorge Letria, em 81. A escritora afirma escrever sobre vidas desamparadas, vidas vencidas pelo tempo —a morte é um dos temas obsessivos—, vencidas por uma sociedade injusta que as condena às margens, ao esquecimento ou ao silêncio. Escreve em especial sobre mulheres. *“Mulheres esquecidas delas próprias, velhas aos trinta anos, escravas do seu coração a mais numa sociedade sem coração nenhum”*, como diz em *A Revolta das Palavras*.

O seu papel na afirmação de uma escrita no feminino na literatura em língua portuguesa, infelizmente, nem sempre tem sido reconhecido. A distância temporal permite-nos, contudo, ter hoje uma percepção mais nítida desse lugar. Um lugar fundamental, em certa medida único, no rasgar de um novo tempo literário e social pressentido por Florbela Espanca e Irene Lisboa, esta última, uma autora que Maria Ondina confessadamente admira. Marcos desse novo tempo literário que viria a irromper de forma polémica com a publicação de *As Novas Cartas Portuguesas* de Maria Velho da Costa, Maria Teresa Horta e Maria Isabel Barreno (de cuja edição se comemoram justamente cinquenta anos), são a *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica* de Natália Correia (65) e

*Maina Mendes*, de Maria Velho da Costa (69). Naturalmente, não esqueço o contributo decisivo de autoras como Graça Pina de Morais, Maria Judite de Carvalho ou Fernanda Botelho, mas não sendo possível aqui alongar-me, sublinho apenas que *Eu Vim para Ver a Terra* é publicado no mesmo ano da *Antologia* de Natália Correia, e *A China Fica ao Lado*, vencedor de um prémio de manuscritos do SNI no ano seguinte, em 66, só vem a ser editado dois anos mais tarde. *Estátua de Sal* é editado em 69, o mesmo ano de *Maina Mendes* de M<sup>a</sup> Velho da Costa.

Quando me refiro ao lugar único de Maria Ondina Braga na afirmação de uma escrita no feminino não estou a usar um chavão vazio ou um adorno retórico, mas antes a destacar uma singularidade. Porque se a escrita ondianiana não se confunde com a “soltura” linguística das 3 Marias (ou de Natália Correia), ela não se confunde igualmente com o mutismo, as palavras poupadas e o silencioso dinamitar do quadro ideológico e mental do antigo regime através da voz e do olhar femininos que encontramos noutras autoras escrevendo **por dentro** desse regime. O olhar nómada de Maria Ondina Braga, oscilando entre o *dentro* e o *fora*, na sua amplitude multicultural e geográfica, oscilando entre o Ocidente e o Oriente, vai mais longe, confrontando a clausura, a distância social e o silêncio das mulheres confinadas ao espaço do Recolhimento das Convertidas, ali tão perto, na Avenida da cidade católica da sua infância, e o silêncio ou os interditos dos colégios femininos em Macau ou ainda a condição feminina, ali, ao lado da China, nas vésperas da Revolução Cultural. Não é sem espanto que lemos um conto como *A China Fica ao Lado* e somos confrontados com uma jovem mulher chinesa interrompendo a gravidez pelo facto de ser solteira, conto que acaba de ser publicado na antologia *20 Grandes Contos de Escritoras Portuguesas*, pela editora Sibila. Ao lado de Ana Plácido, mas também de Maria Judite de Carvalho, Agustina Bessa-Luís, Lídia Jorge, Hélia Correia, Luísa Costa Gomes, Patrícia Reis, entre outras.

A atenção à condição feminina levará ainda Maria Ondina Braga a escrever sobre vidas de mulheres escritoras de todos os tempos e latitudes, mulheres que ousaram enfrentar as convenções da sociedade em que viveram, corajosas, dotadas de uma invulgar força interior, e a quem chama suas “companheiras de solidão”. *Mulheres Escritoras*, editado em 80, reúne as biografias breves de escritoras como Irene Lisboa, Jane Austen, Virginia Woolf, George Sand, Selma Lagerlöf, Katherine Mansfield, Colette, as irmãs Brontë, Lou Andréas-Salomé, Gabriela Mistral e Teresa Margarida da Silva e Orta. A escritora deixou-nos ainda

um inédito, *Retratos com Sombra*, que será incluído no II Volume das *Obras Completas*, a sair no início do próximo ano: dele constam nomes como Anaïs Nin, Ana Plácido, Carson Mc Cullers, George Eliot, Maria Archer, Rosalía de Castro, Sei Shonagon, Violette Leduc sobre quem a escritora chegará a pedir a Simone de Beauvoir ajuda na sua pesquisa biográfica.

A escolha das biografadas diz muito sobre a biógrafa: em certa medida, são a sua imagem especular. Como sugere Fernando Namora neste comentário sobre *Estação Morta*: “com este livro, tenho de associá-la em definitivo, às escritoras inglesas que mais vezes lembramos: a uma Mansfield, por exemplo”.

A presença do elemento onírico, fantasmagórico ou mesmo do fantástico não deixa de abrir janelas para outras leituras, conferindo a esta escrita uma singularidade que a aproxima não apenas da pintura de Chagall, como reconhece Maria Ondina, mas também de Graça Morais que, de resto, viria a ilustrar o conto “A Filha do Diabo”, de *A Rosa de Jericó*. Ou mesmo, em alguns momentos, de uma pintora como Paula Rego.

### **3. A propósito de uma data**

Para terminar, uma brevíssima nota. Indispensável neste ano de centenário em que importa esclarecer a “dúvida” em torno da data de nascimento da escritora, questão recorrente, nem sempre isenta de uma nota de ironia ou ressentimento. A discrepância de uma década entre duas datas, 1922 e 1932, não pode nem deve ser confundida com um engano editorial ou um *lifting* literário capaz de assegurar à mulher um rejuvenescimento milagroso. O diferimento da data esconde um singular processo de construção autoral, raríssimo na literatura em língua portuguesa, que importa, mais do que assinalar, analisar com isenção e rigor. Na nota dos coordenadores que serve de posfácio ao I Volume das *Obras Completas*, o leitor curioso poderá encontrar informação mais detalhada a este respeito, não sendo este o momento indicado para o fazer. Direi apenas que a escritora se empenhou activamente neste processo de construção autoral para o qual confluem várias razões, entre as quais a morte precoce do pai, acontecimento determinante para o nascimento da escritora. Dez anos antes, como reiteradamente afirmará, em *Estátua de Sal*, *A Personagem*, *A Rosa de Jericó* e *Vidas Vencidas*. A intenção de rasurar o nascimento biológico para dar lugar à construção de uma data simbólica de nascimento autoral, cresce no pensamento da escritora a partir de 1973, por altura da revisão para a 2ª edição de A

*China Fica ao Lado*. Desde esse momento, a escritora procurará autenticar e legitimar a data no seio da instituição literária através de lugares estabilizadores como enciclopédias, dicionários de literatura e outras obras de síntese, de forma a inscrevê-la para a posteridade. Vários documentos existentes no espólio o confirmam.

Afinal, um processo afinal idêntico ao que recentemente veio a público com a morte de Lygia Fagundes Telles, curiosamente, amiga de Maria Ondina, e antes dela com Clarice Lispector.

No final da vida, já doente, a escritora pediu à família que zelasse pela preservação e divulgação da sua obra e do seu nome literário. O que naturalmente incluía o compromisso de zelar pela sua data de nascimento. A fidelidade a esse compromisso foi respeitada pela família até ao dia 13 de Janeiro deste ano, data de aniversário de Maria Ondina Braga, em que tornou pública a nota que viabilizou a comemoração deste centenário, sem pôr em causa a memória da escritora. É esse mesmo respeito que tanto a escritora como os seus leitores merecem que me leva a prestar aqui, hoje, este esclarecimento, na certeza de que a melhor forma de lembrar a escritora será ler a sua obra que este centenário nos devolveu.